

## HISTÓRIA PÚBLICA E ENSINO DE HISTÓRIA EM COMUNIDADES CAMPONESAS NO SUL DO PIAUÍ: O MUSEU DA MEMÓRIA CAMPONESA NA COMUNIDADE ALTO ALEGRE, EM SANTA LUZ/PI

PUBLIC HISTORY AND HISTORY TEACHING IN PEASANT COMMUNITIES IN THE SOUTH OF PIAUÍ: THE MUSEUM OF PEASANT MEMORY IN THE ALTO ALEGRE COMMUNITY, IN SANTA LUZ/PI

João Paulo Charrone\*  
jcharrone@yahoo.com.br

**RESUMO:** O presente texto procura demonstrar a importância do museu da memória camponesa como prática pedagógica vinculada ao campo da história pública a partir da experiência obtida na escola da comunidade rural Alto Alegre, interior da cidade de Santa Luz-PI. Este estudo justifica-se pela necessidade de encontrar subsídios que colaborem para a didática escolar, evidenciando aspectos que se voltem para a cultura e memória do sujeito. Para o desenvolvimento dessa pesquisa utilizou-se estudos bibliográficos e da pesquisa ação, nesse sentido, é produto de uma intervenção dos pesquisadores em conjunto com os sujeitos que integram a pesquisa. O trabalho ampara-se nas teorias de Gilmar Rocha e Sandra Pereira Tosta (2017), Ana Maria Casasanta Peixoto (2004), Walter Benjamin (1989), Michael Pollak (1989), Pierre Nora (1993), dentre outros. Conclui-se desse modo, que o museu da memória camponesa se apresenta como uma ferramenta eficaz de ensino para o processo de aprendizagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória; Museu; Comunidades Camponesas; Práticas pedagógicas.

**ABSTRACT:** The present research investigates the importance of the peasant memory museum as a pedagogical practice linked to the field of public history from the experience lived in the school of the rural community Alto Alegre, interior of the city of Santa Luz-PI. This study is justified by the need to find credits that contribute to school didactics, highlighting aspects that focus on the subject's culture and memory. For the development of this research, bibliographic studies and action research were used, in this sense, it is the product of an intervention by the researchers together with the subjects who are part of the research. The work is based on the theories of Gilmar Rocha and Sandra Pereira Tosta (2017), Ana Maria Casasanta Peixoto (2004), Walter Benjamin (1989), Michael Pollak (1989), Pierre Nora (1993), among others. In this way, it is concluded that the peasant memory museum presents itself as an effective teaching tool for the learning process.

**KEYWORDS:** Memory; Museums; Peasant Communities; Pedagogical practices.

**RESUMEN:** La presente investigación investiga la importancia del museo de la memoria campesina como práctica pedagógica vinculada al campo de la historia pública a partir de la experiencia obtenida en la escuela de la comunidad rural de Alto Alegre, en el interior de la ciudad de Santa Luz-PI. Este estudio se justifica por la necesidad de encontrar subsidios que colaboren para la didáctica escolar, destacando aspectos que se vuelcan a la cultura y la memoria del sujeto. Para el desarrollo de esta investigación se utilizaron estudios bibliográficos e investigación acción, en este sentido es producto de una intervención de los investigadores en conjunto con los sujetos que forman parte de la investigación. El trabajo se basa en las teorías de Gilmar Rocha y Sandra Pereira Tosta (2017), Ana Maria Casasanta Peixoto (2004), Walter Benjamin (1989), Michael Pollak (1989), Pierre Nora (1993), entre otros. De esta forma, se concluye que el museo de la memoria campesina se presenta como una herramienta didáctica eficaz para el proceso de aprendizaje.

**PALABRAS CLAVE:** Memoria; Museo; Comunidades Campesinas; Prácticas pedagógicas.

---

\* Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Iniciou a carreira docente como professor da rede pública de Educação Básica do Estado de São Paulo (2006-2007). Atualmente é Professor Adjunto (DE) do curso de Licenciatura em História na Universidade Federal do Piauí/Campus Ministro Petrônio Portela (Teresina/PI).

### *Introdução*

Acreditamos que um dos pontos iniciais para iniciarmos o debate aqui apresentado seja o de explicar o que entendemos por história pública. De antemão, vale lembrar que este é um conceito em disputa. Uma vez que, nele concorrem diversas perspectivas e tratamentos, o que, por outro lado, contribui para enriquecer e creditar sua acepção, tanto no âmbito prático como conceitual. Em um significado mais objetivo, a História Pública é compreendida como um propagador da epistemologia histórica aos grandes públicos (GARDNER; LAPAGLIA, 1999, p. 30).

Outra compreensão, mais ligada aos historiadores públicos sociais estadunidenses, defendem que tais ações são produtos do diálogo, análise e escrita da história na junção dos espaços: academia *com* o público (GRELE, 1981, p. 46).

Segundo Jurandir Malerba (2017, p. 10-11), em decorrência do desenvolvimento das tecnologias digitais (*Web 2.0*), o préterito encaminhamento de “ajudar as pessoas a escrever, criar e compreender suas próprias histórias” alcança novas delineamentos. Em consonância com Malerba, Mihcel Frisch (2011, p. 58) nos atenta que, diante dos efeitos globais das culturas de memória, identidade, presença e reivindicações de sentido e direção do e no tempo, transmitem desde o âmbito do multiculturalismo, um “valor especialmente forte na história pública” (FRISCH, 2011, p. 58).

Dito isso, a presente pesquisa se insere em um quadro teórico muito particular, uma vez que, via História Pública (especialmente, com o produto: museu da memória camponesa), prentede, para além dos objetivos supracitados, propagar o conhecimento histórico, no encontro da episteme acadêmica estendida à periferia (especificamente aos camponeses). Produzindo, desse modo, reflexões, análises e produções históricas junto ao público. Pois, entendemos que refletir sobre a narrativa histórica no espaço público é um dos caminhos possíveis para transformar aos agentes e inseri-los nas disputas narrativas.

Ainda mais considerando que vivemos um tempo na qual a mentira, a desinformação e o descrédito a ciência invadem o espaço público. Em um presente, no qual as inverdades são difundidas por “robôs” e lançadas por uma série de algoritmos a serviço de concepções reacionárias e preceitos obscurantistas. Nesse sentido, acreditamos que a História Pública pode se tornar uma saída e uma resposta a esse quadro conjuntural, uma vez que, tal conceito

interpõe-se como uma relação articulada entre o conhecimento especializado/acadêmico e a vida prática. Ou seja, a História Pública, em sua diversidade de significações, é uma proposta de engajamento, que propõe uma reviravolta ética, via educação para a informação.

Com essas considerações em mente, vale lembrar que, a organização de um museu histórico é uma das formas mais assertivas de preservar a memória de uma comunidade e respeitar a cultura do outro. Ademais, ressalta-se que eles surgiram no século XIX e que sua fundação se pautou no pressuposto do quanto se fazia necessário reavivar a história de um povo. Ou seja, credita-se o museu como um importante instrumento de divulgação do conhecimento humano que deve ser acessível a todos os públicos. Ademais, esse trabalho também visa frisar a importância dos museus enquanto instituição, e apontar a abrangência de atuação profissional e temática dos historiadores educadores do campo

Ademais, como afirma Jackinys (1985, *Apud* BOAS, 1883), existem três propósitos para os museus: entretenimento, instrução e pesquisa. Devemos considerar que essa tríade consegue enquadrar um público bem diversificado, que se estendem de crianças e grande número de adultos menos escolarizados, bem como, a intelectuais e estudiosos.

Reconhecendo a importância do museu e da memória como fonte indispensável para formação intelectual e humana, bem como prática pedagógica de suma importância para o espaço escolar, justifica-se a aplicação deste estudo que busca averiguar como o museu da memória contribuiu com a prática pedagógica da comunidade Alto Alegre a partir de relatos da experiência de organização do mesmo no ambiente escolar. Para tanto criou-se o seguinte problema: O museu histórico pode contribuir como material didático para as escolas do campo?

O reconhecimento da identidade do sujeito e das bases que colaboram para a constituição de uma cultura são conhecimentos fundamentais que devem ser trabalhados na pedagogia escolar. Isso porque quando o sujeito conhece as procedências de seu passado, tende a conservar e valorizar seu presente. Todo espaço social (País, Estado, Cidade, Comunidade e Indivíduo) tem como parte de sua história as memórias, são elas, portanto, um elemento que ajudam a constituição sócio individual da identidade e da cultura do gênero humano.

Portanto, buscar estratégias que auxiliem na prática pedagógica escolar é uma forma de colaborar com um ensino crítico e verdadeiramente emancipatório. Essas estratégias se tornam mais eficazes quando se voltam para a valorização da cultura da comunidade a qual a escola pertence, resgatando assim as memórias e a história da mesma.

Com o fim de buscar norte para desvelar a problemática, traçou-se os seguintes objetivos gerais: 1) entender como o acesso a museus históricos e seus objetos pode se tornar uma ferramenta de ensino e pesquisa significativa para os alunos, em especial os que frequentam a escola do campo; 2) resgatar a memória da comunidade Alto Alegre sobre o evento museu da memória camponesa. Atividade ligada ao Seminário Integrador ocorrida no dia 29 de setembro de 2017, ou seja, como as pessoas ressignificam, no presente tal atividade pedagógica.

Observou-se naquela oportunidade duas questões relevantes: 1) a importância da narrativa histórica na comunidade Alto Alegre como elemento para reconhecer e preservar na memória social as origens culturais regionais; 2) o papel do museu como ferramenta pedagógica escolar.

Destarte, o intento desse trabalho é promover um debate sobre o valor das raízes culturais da classe camponesa nos participantes daquela atividade, no sentido de consolidar a identidade e a pertença a sua região e ao modo de vida camponês, nesse sentido, é basilar a esses sujeitos tanto valorizarem o conhecimento como conservarem ativos na memória social as próprias origens.

Tomou-se como base para a estruturação desta pesquisa os autores: Gilmar Rocha e Sandra Pereira Tosta (2017), Ana Maria Casasanta Peixoto (2004), Walter Benjamin (1989), Michael Pollak (1989), Pierre Nora (1993), bem como em documentos, como LDB (1996) e PCN'S (1997).

#### *Museu histórico: origens e perspectivas pedagógicas na escola do campo*

Encontrar subsídios que fortaleçam o reconhecimento da identidade do sujeito enquanto ser social e histórico se torna uma ação primordial para o aprimoramento da pedagogia escolar de toda instituição de ensino, especialmente da escola do campo. Isso porque, salvo exceções, quanto mais o sujeito conhece seus laços com uma dada cultura, isto

é, com os costumes e com a cosmovisão de uma comunidade e classe social, maior facilidade terá para encontrar seu lugar na realidade social.

Nesse sentido, também é papel da escola adotar ferramentas que propiciem o resgate de culturas, memórias, raízes. Desde tempos bem remotos o ser humano busca organizar sua história, seus feitos, seus conhecimentos, sua “evolução”. Uma das provas mais sólida dessa ação é a criação dos museus, alguns dos quais se remetem a épocas bem antigas, sendo fruto de muitos estudos e discussões políticas e filosóficas.

É a partir dessa perspectiva que se pode entender a instalação e o desenvolvimento desses estabelecimentos no Brasil, e em particular do museu paulista, que a partir de 1870 se afirmará como o mais científico dos museus nacionais. (SCHWARCZ, 2005, p. 124)

Organizar as memórias é uma forma de registrar a história e o museu atua, nesse sentido, em mão dupla: como uma recontagem não verbal que ganhará sentido e dimensão segundo a visão de quem observa criticamente sua organização. Independentemente da forma como a história é contada, na escola, nas ruas, a releitura dos artefatos é sempre possível, bem como, o sentido advém também do responsável pela construção da narrativa presente na exposição, pois os objetos foram anteriormente organizados sob sua lógica. Isso é, o museu, como outros lugares de memória, existe para dar voz a uma época que não terá mais retorno.

Entender o “homem primitivo” não era muito diferente do que estudar a flora e a fauna locais. Na verdade, na perspectiva desse Museu, o estudo da humanidade claramente se subordinava a certos ramos do conhecimento científico, em especial a biologia, e só interessava em quanto tal. (SCHWARCZ, 2005, p. 130)

Os museus tiveram origem na Grécia e prevalecem na contemporaneidade como um dos principais responsáveis pela conservação de memória. No Brasil o surgimento dos museus se deu através de um decreto lançado em 6 de julho de 1808 aplicado por D. João VI. O museu real objetivava estimular os estudos de botânica e zoologia. Em contrapartida o museu nacional foi construído no intuito de disseminar os estudos e os conhecimentos de ciências naturais do Reino do Brasil, em princípio esse museu não era aberto ao público e nem tinha prosperidade financeira como os europeus, somente em 1821, mediante reserva começou-se abrir as portas para o acesso das pessoas (SCHWARCZ, 2005).

Em 1894, por meio da Lei 200 e decreto de número 299, de 20 de julho de 1894, inaugurou-se o museu paulista, com fundamento científico, porém por não ser essa visão dos

políticos da época, a verba para manutenção era tardia, levando a instituição a não prosperar. Diante do cenário exposto, observa-se que no Brasil esses museus tiveram seu nascimento, apogeu e a decadência, passando ao longo das décadas por diferentes momentos desde sua criação (SCHWARCZ, 2005).

Assim, vale ressaltar que independentemente dos direcionamentos aplicados aos objetivos dos museus, seu fundamento sempre esteve voltado para o resgate e a organização, seja do conhecimento científico “duro” (museus naturais) ou da memória social. Tendo isso em mente, eles se tornam uma ferramenta pedagógica para a escola em geral.

Franz Boas, considerado o pai da antropologia cultural, forneceu diversas reflexões que contribuem para a organização dos museus em caráter pedagógico. Observa Gilmar Rocha e Sandra Pereira Tosta que:

As ações de Boas no campo da cultura, da etnografia, da política, da arte, dos museus são antes de tudo educativas. Em especial, Boas deixou reflexões e orientações sobre os museus, desde como organizar as exposições das coleções a avaliar sua eficácia pedagógica. (ROCHA; TOSTA, 2017, p. 72)

O foco do trabalho de Franz Boas no que tange aos seus debates sobre o museu esteve relacionado ao cerne da própria antropologia, isso é, ao estudo das diferenças entre etnia e culturas que se iniciam na compreensão das diferenças individuais.

Em sentido oposto temos a visão marxista de Benjamim, que afirma que os museus, dentro do plano superestrutural, são um elemento de dominação social:

Os museus também constituem um meio eficaz de narração da história, pois na sociedade capitalista as memórias perderam seus suportes de disseminação e assim bloquearam-se as diversas visões que permitiam diferentes análises na contagem da história. (BENJAMIM, 1989, p.14)

Discutindo a forma como as memórias são resgatadas e divulgadas para o conhecimento futuro de uma geração, e como estas ajudam a construir a identidade social, Michael Pollak (1989) defende que há pontos mais solidificados que outros nas memórias narradas, isso porque existe uma série de fatores que implicam na constituição dessas, como: se os personagens que contam os fatos, presenciaram ou reproduzem relatos, pois havendo a vivência da história até mesmo as datas tendem a ser mais precisas.

Para este autor o museu é por excelência o lugar da memória, pois por meio deste uma ou mais histórias podem ser recuperadas, lembradas, revividas e reatualizadas.

Além disso, o autor defende que a memória também pode se apresentar de forma seletiva, pois nem tudo fica registrado, sendo algumas narrativas transmitidas de geração em geração sem questionamentos, outras sofrem influências de disputas políticas. Assim, ressalta que toda memória é uma construção, mas nem sempre consciente.

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1989, p. 5)

Debatendo sobre os vários tipos de memória que se constroem ao longo da história, o autor supracitado ressalta que assim como existem as memórias coletivas a qual buscam referenciar um grupo, colocando pontos que são comuns a todos como: lugares, costumes, culinária, entre outras que concedem formação de uma identidade social a uma determinada comunidade, existem também aquelas memórias que ficaram em silêncio ao longo do processo de formação e evolução de um território, ou seja, mesmo sendo parte importante da história, ficaram submersas.

Analisando essas visões de memória e problematizando-as sobre comunidades camponesas, pode-se ressaltar o quanto se faz necessário resgatar as memórias submersas dessas comunidades, sendo o museu da memória um instrumento eficaz para tal fim, pois sabe-se que assim como na história oficial de uma nação, que privilegiam fatos seletos, as memórias de uma cidade, geralmente enfatizam os desbravadores do espaço urbano e seus representantes políticos, deixando de registrar a importância do homem do campo nesse processo, ficando a memória da comunidade submersa ao longo do tempo. Nesse sentido, o Museu da Memória Camponesa, naquela oportunidade, trouxe alguns dos elementos que constituem e que identificam o grupo.

Por tudo que foi dito até aqui, podemos parcialmente concluir que a ferramenta/metodologia do museu da memória se apresentou como uma atividade de valorização das memórias submersas desse espaço, pois concederá a oportunidade de seus membros reconhecerem que suas vivências, suas tradições, seus instrumentos de trabalhos e suas lutas também integram a história, e, além disso, concede a oportunidade dos indivíduos iniciantes no grupo (crianças, jovens), compreenderem de onde provém as tradições, costumes que predominam neste espaço.

*Museu enquanto lugar de memória: impactos na formação humana e social*

Pensando o museu como lugar da memória e, portanto, ponto agregador das experiências coletivas de uma sociedade, Nora destaca que:

Os museus exercem um papel fundamental como ponto agregador da memória, e seu aspecto material, simbólico e funcional, como espaços dedicados à compreensão do esquecimento em sua dinâmica com a experiência coletiva. (NORA, 1993)

Observa-se que toda comunidade, seja micro ou macro territorial, constitui-se pelas premissas dos seus antepassados, utilizando o conhecimento antigo para construir uma identidade, essa se apresenta como ponto singular para os indivíduos pertencentes a determinados espaços. É justamente esse sentimento de pertencimento que ajuda a construir o que conhecemos por nacionalismo que deve considerar a história do passado, a história política e comparativa, sem conceder preponderância a nenhuma delas.

O museu começa a ser pensado como lugar da memória a partir dos estudos de Pierre Nora (1993) que observando a forma como as memórias da França passaram a ser organizada após a Revolução Francesa, sobre uma ótica ora republicana ora monárquica, buscou investigar a história a partir de objetos concretos de materialidade, visando mostrar a simbologia de cada objeto em cada contexto. Reforça Nora que:

[...] é um aspecto de um modelo mais geral que revaloriza a história do presente, a história comparativa e a história política, estando as três ligadas. Desses três aspectos a palavra político é provavelmente a mais importante. Se a história simbólica evolui, é porque provavelmente percebemos que a palavra simbólica é a última dimensão do universo político e o que o meio de renovar a história tradicional, clássica, contra a qual toda a história *Annales* lutou, é revalorizar aquilo que há de profundamente no político. (NORA, 1993)

Devido às várias formas nas quais as narrativas históricas se apresentam, buscando dar sentido ao passado, o museu se torna o lugar de memória porque é o espaço que concede a interação dessas narrativas, oferecendo a oportunidade de questionamentos tanto por parte do historiador, como por parte do visitante. Esse espaço permite compreender a dinâmica das experiências coletivas, assim o museu pode ser considerado como lugar de memória devido ofertar possibilidades constante de leitura e releitura da história.

Diante das abordagens sobre a importância dos museus para preservação da memória se consegue compreender de forma mais clara, o porquê da sua eficácia como meio pedagógico, pois para que o aluno aprenda com facilidade é necessário que o ensino seja

significativo e contextualizado com suas vivências vinculando, desse modo, presente, passado e futuro.

Buscando mostrar como o museu pode ser um forte aliado na pedagogia escolar, a autora Ana Maria Casasanta Peixoto (1994) demonstra como o museu pode proporcionar a escola uma releitura aberta do passado. A autora mostra que o museu resgata memórias tanto pela presença como pela ausência de sua exposição, pois sua leitura é feita por interpretações e visões da história, compreende-se então que o museu na escola, especialmente na escola do campo, ajudará os discentes a ativar e valorizar histórias de seus antepassados, fazendo a cada retorno a este uma releitura de sua própria história.

O Museu de forma geral pode contribuir para ampliar a visão crítica de quem o observa, pois, o acervo estimula a uma busca pelas versões inéditas/submersas/clandestinas da história, levando a questionamento que só abre um leque de oportunidades para ampliar os conhecimentos históricos. Assim, o trabalho do campo, voltado para pessoas, suas vivências ganharam maior importância. Segundo Marcos Antônio Gonçalves (2014, p, 150) o trabalho de campo é uma instância pedagógico-epistemológica que transforma as pessoas.

Afirma Studart (2006) que a criação dos museus no final do século XIX e início do século XX receberam muitas contribuições das teorias educacionais, devido às influências destas no estímulo à criação de ambientes educacionais e da necessidade de exposições mais participativas.

Entre as teorias que estimularam os ambientes educacionais nos museus pode-se citar as ideias de Froebel (1887) o qual defende a necessidade de criar ambientes educacionais para criança, objetivando a envolvê-las.

Outras teorias que também influenciaram na criação de ambientes educacionais em museus foram as de John Dewey e Maria Montessori (1973). Dewey (1938) reforçou a importância da experiência concreta e da interação social na vida da criança, enquanto Montessori, a qual desenvolveu métodos pedagógicos baseados nas experiências motoras e sensoriais, ofertou contribuições voltadas para um aprendizado construtivo da criança.

Observando as teorias citadas, compreende-se que de fato estas estimularam a criação de espaços educativos nos museus devidos apresentarem ideias revolucionárias para

os séculos vigentes (XIX, XX), voltadas para o aprendizado infantil e para a educação como um todo.

O artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) preconiza que a educação abrange os processos formativos que se desenvolve na vida familiar na convivência humana, nas Instituições de Ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Evidencia também no inciso 2º deste mesmo artigo que a educação escolar deverá vincula-se ao mundo do trabalho e à prática social, ou seja, que deve haver uma interação entre escola e espaço social.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997.p 27) para o ensino de História e Geografia para o Ensino fundamental (1º a 4º série) explicita que:

O conhecimento do outro possibilita, especialmente aumentar o conhecimento do estudante sobre si mesmo, à medida que conhece outras formas de viver, as diferentes histórias vividas pelas diversas culturas, de tempos e espaços diferentes. Conhecer o outro e o nós significa comparar situações e estabelecer relações e, nesse processo comparativo e relacional o conhecimento do aluno sobre si mesmo, sobre seu grupo, sobre sua região e seu país aumenta consideravelmente.

Nesse contexto, o museu se apresenta como uma eficaz ferramenta de ensino, pesquisa e extensão, que de fato valoriza o conceito de educação, devido buscar aliar a vida humana a seu processo evolutivo pela recontagem de sua história. Devido também ser um importante instrumento de reflexão social, pois ao proporcionar um encontro entre a sua cultura e a cultura do outro o aluno começará perceber que vivemos em um espaço de diversidades que somadas formam a memória de um lugar. Devemos fazer uma observação aqui. A metodologia do museu não é algo dado, precisa ser criticamente trabalhada. Porque se ela for desenvolvida sem criticidade, servirá para reproduzir opressões e/ou justificar a realidade dada.

Destaca Larissa Abreu e Saulo Santos que:

A educação como importante fator socializador faz uso da memória histórico cultural “pulsante” nestes ambientes (museus) como elemento de formação identitária, pois a memória e a educação desenvolvem no sujeito um sentimento de pertencimento ao grupo, o qual é base para a construção da identidade. (ABREU; SANTOS, 2015, p. 31457)

Observa Oliveira (2013) que os museus são espaços privilegiados de educação não formal e têm um papel importante na formação de todos no campo da cultura. Considerando

a importância do museu como ferramenta de ensino e como importante instrumento de reflexão social, o autor destaca que o seminário Regional da UNESCO, realizado em 1958 no Rio de Janeiro dentre outros realizados na América Latina trouxe, grandes contribuições para a discussão relativa à função educativa dos museus.

A Declaração de Quebec de 1984 sistematizou os princípios fundamentais da Nova Museologia. A Declaração de Caracas, resultado do Seminário de Estudos Museológicos, realizado no período de 16 de janeiro a 6 de fevereiro de 1992, teve como finalidade fazer um balanço da situação dos museus na América Latina. Desenvolveu uma avaliação crítica deste percurso e reafirmou o museu como uma “forma de comunicação entre os elementos triângulos-território, patrimônio, sociedade-, servindo de instrumento de diálogo, de interação das diferentes forças sociais, econômicas e políticas; um instrumento que possa ser útil na sua especificidade e função ao homem” e “homem social” para que este possa enfrentar os desafios que vêm do presente e para o futuro (HORTA 1995, p 32-35).

As políticas de museu no século XXI, aliadas as ideais de inclusão e equidade social defendem que este espaço deve ser aberto ao público, devendo direcionar a sua organização de forma a contemplar a criança o jovem e o adulto, assim atendendo a prerrogativa preconizada na LDB (1996) que o educando deve ter direito a arte, a cultura e o lazer. Torna-se primordial então que a escola adote parcerias e torne o museu um importante instrumento de acesso às práticas culturais de uma geração.

Esta pesquisa foi realizada na Escola João Vieira pertencente a comunidade rural Alto Alegre de Santa Luz Piauí- PI durante os meses de setembro e outubro de 2017. A Instituição referida oferta as séries iniciais da Educação Infantil, atendendo aproximadamente 26 alunos que estão distribuídos no turno manhã.

Para a desenvoltura deste estudo, utilizou-se a pesquisa ação, pois este método além de proporcionar uma análise, permite o pesquisador realizar intervenção no campo pesquisado. Como afirma Emanuelle Oliveira (2006.p.02), “a pesquisa-ação possibilita que o pesquisador intervenha dentro de uma problemática social, analisando-a e anunciando seu objetivo de forma a mobilizar os participantes, construindo novo saberes”.

Fez-se uso do questionário qualitativo aberto, composto por 6 itens, direcionados para analisar a eficácia da aplicação do museu enquanto prática pedagógica a partir da experiência na comunidade.

Assim, compreendendo que o educador também deve ser um pesquisador escolheu-se um modelo de pesquisa que possibilitasse uma análise mais profunda sobre a problemática e uma intervenção de caráter pedagógico que propiciasse aprendizados fundamentais e consequentemente elementos para a melhoria de práticas educativas.

A pesquisa pressupõe alguns elementos fundamentais para sua realização, tais como: a criatividade, a inovação, a elaboração própria, o questionamento da realidade, a criação, a descoberta. Portanto, a pesquisa, de forma geral, no âmbito educacional compreende a capacidade do professor pesquisador em elaborar e construir conhecimento por si próprio, ou seja, é uma construção pessoal que pode ser coletiva, mas que sempre traz benefícios para o coletivo. (NETO E MACIEL, 2012).

*O museu, o campo e a escola na comunidade campesina Alto Alegre:*

A intenção da realização desta pesquisa surgiu a partir de uma atividade vinculada ao curso de Educação do Campo, da Universidade Federal do Piauí. Nesse trabalho as análises ficaram restritas a ação ocorrida na comunidade campesina de Alto Alegre, interior da cidade de Santa Luz/PI.

Essa atividade consistiu na realização de um museu da memória camponesa no espaço escolar dessa região. É digno de nota mencionar que essa comunidade possui aproximadamente 70 anos de existência e que, conta atualmente com 50 habitantes. Nela há somente uma escola que atende a Educação Infantil.

Nesse sentido, o objetivo da pesquisa partiu da observação do impacto da realização do museu naquele espaço. Para, além disso, como vimos acima, atrelados a discussão teoria sobre a importância do museu, tanto no plano educacional como histórico, decidimos investigar perante os integrantes da comunidade sua eficácia como ferramenta pedagógica, buscando entender como o museu da memória contribuiria para resgatar a história dessa comunidade, levando-os a ressignificar no presente a história de seus antepassados.

Essa investigação ocorreu através de questionário aberto, o qual visou verificar perante os membros da comunidade (alunos, professores, diretor moradores antigos e moradores recentes) o impacto pedagógico do museu da memória, buscando averiguar a instalação como prática pedagógica e lugar de memória. Dito isso, passamos a seguir a analisar as narrativas.

Uma das falas mais importantes, a nosso ver, até pelo papel natural de liderança comunitária, é a da diretora da escola. Vale ressaltar que ela reside na comunidade há 19 anos.

Destacamos, aqui duas questões que fizemos a ela: 1) se ela considera importante emergir as memórias de uma comunidade campestre; 2) se ela já tinha visitado algum museu fora da comunidade. Obtivemos a seguinte resposta:

Sim, porque se torna bastante relevante para as gerações, pois as famílias não tem a preocupação de estar relatando os fatos passados e assim o passado não integra o conhecimento das novas pessoas da comunidade. Nunca visitei um museu fora da comunidade. (ALVES, 2019)

Observa-se que pelas palavras da entrevistada, a narrativa de que a cultura de contar histórias via relatos orais, não tem ocorrido com tanta frequência nas relações familiares da contemporaneidade na comunidade. Independentemente da confirmação ou não dessa prática, é inegável que a execução de qualquer atividade que se volte para a valorização da memória e da identidade camponesa, especialmente no espaço escolar, é significativa. Contudo, considerando que isso de fato esteja acontecendo, acreditamos que a experiência do museu na comunidade pode ter tido algum efeito contrário, como veremos mais abaixo.

Aplicando os questionamentos similares (importância de trazer à tona as memórias submersas de uma comunidade campestre e se ela já tinha visitado algum museu) para uma aluna da escola da comunidade, hoje com 8 anos de idade e residente nesta comunidade desde seu nascimento, ela destacou que:

É muito importante para conhecermos nossas origens, o que aconteceu; as primeiras pessoas que moraram na comunidade; a forma delas sobreviverem, modos de trabalho. Conheci como era difícil para obter água, a lida na roça com poucas ferramentas, o lidar pesado das mulheres com filhos e a casa. Nunca visitei um museu a não ser o que foi organizado na comunidade, mas agora tenho vontade. (ALVES, 2019)

O relato da aluna mostra um aspecto significativo trazido pelo museu da memória para as crianças, permitiu que elas observassem a capacidade de resiliência de seus antepassados perante as dificuldades, passando a valorizar a condição de vida atual. Essa reflexão ajuda o aluno a buscar mais a história local e nacional ou mesmo mundial, pois percebe a interligação existente entre elas.

Buscando ampliar o leque de opiniões sobre a experiência do museu, entrevistamos uma das moradoras mais idosas da comunidade. Ela tem 60 anos. O depoimento com essa senhora teve o intuito de que ela partilhasse suas considerações a respeito do museu da memória na comunidade. Ao responder os questionamentos sobre a importância do museu e se ela já tinha visitado algum desses espaços, a mesma enfatiza que:

Sim é de grande importância porque todas as pessoas da comunidade precisam conhecer a sua história, principalmente as crianças dessa e de outras regiões. Nunca visitei um museu fora da comunidade, mas tenho vontade de ir e levar as crianças porque hoje em dia as crianças conhecem pouco a história de seus antepassados. (OLIVEIRA, 2019)

Observando as considerações da entrevistada, podemos compreender de forma mais nítida porque o museu pode ser considerado o lugar de memória, pois como a idosa afirma todas as pessoas precisam conhecer a sua história, e o museu por ser o espaço onde as narrativas se confrontam e as experiências coletivas se cruzam. Isso permite ao visitante ter acesso a parte de seu passado, podendo dessa forma torna-se um ambiente propício e paralelo para alcançar um dado conhecimento, que pode ou não estar em posição “silenciada” socialmente.

Ademais, as crianças precisam conhecer os processos e os personagens que ajudaram na construção do presente que hoje é pertencente as mesmas, nesse sentido o museu pode colaborar para aguçar a curiosidade, levando essa criança a galgar conhecimentos fundamentais para seu processo de crescimento humano social.

Voltemos a analisar a narrativa da diretora da escola. Esta, quando questionada se a exposição do museu da memória ajudou na aquisição de conhecimentos relativo a sua história e se este tinha aguçado a curiosidade para ir em busca de mais informações sobre a história da comunidade, a diretora destacou que:

Sim, pois fiquei conhecendo práticas que eram utilizadas na comunidade, que atualmente não existem mais. E aguçou a curiosidade a tal ponto de está na atualidade realizando um trabalho continuado de resgate das memórias da comunidade para ser trabalhado mais afundo e de forma constante na escola. (ALVES, 2019)

Um ponto relevante a ser destacado na fala da entrevistada é a afirmação de **“que o museu impulsionou á realização de um trabalho continuado sobre as memórias da comunidade”** [grifo nosso], pois sabe-se que um dos intuitos do museu histórico realizado na comunidade Alto Alegre era fornecer subsídios para que as escolas do campo vissem o museu como uma ferramenta eficaz para o processo de ensino de ensino. Reconhecendo, desse modo, sua importância como meio de levar o aluno a ter acesso a arte, a cultura e o lazer, como está explicitado na LDB (1996). Com afirmação da mesma de que se prosseguiu com o intuito de trazer à tona as memórias da comunidade, considera-se que esse objetivo foi alcançado.

Já a aluna, respondendo a essas mesmas questões, afirmou que:

Sim, muito. Por exemplo, antigamente as pessoas faziam aquelas roças de mandioca e precisavam de um objeto chamado tapiti para essa tarefa, eu não sabia disso e aprendi no nosso “mini museu”. Sim aguçou minha curiosidade, quando vi um fuso, por exemplo, não sabia pra que servia e então fui na minha vó perguntar pra que servia e ela explicou que era para fiar algodão, tudo isso me mostrou uma parte de minha história que não conhecia. (ALVES, 2019)

A fala da aluna nos remete a confirmar o que está explicitado nos PCN (1997). Vale lembrar que tal documento afirma que conhecer a si e o outro significa comparar situações e estabelecer relações e nesse processo comparativo e relacional o conhecimento do aluno sobre si mesmo, sobre seu grupo, sobre sua região e seu país aumenta consideravelmente. Assim, observa-se que a discente ao entrar em contato com objetos antigos, começou a analisar o que de fato sabia de sua história, estabelecendo relações com o presente, bem como, se auto reconhecendo enquanto indivíduo e como grupo.

Já a senhora Oliveira, no que tange a essas questões, posicionou-se da seguinte forma:

Sim, além de ter vivido essa história, junto com meus avós, bisavós, minha mãe, meu pai, foi de grande importância porque eu pude mostrar para minhas crianças a história que eles não têm conhecimento e devem conhecer mais para assim a memória se manter viva. (OLIVEIRA, 2019).

De acordo com as narrativas (da diretora, da aluna e da idosa), podemos observar que de fato o museu instigou os membros da comunidade alto Alegre a buscarem mais informações sobre sua história. Portanto, o público que visitou o museu e visualizou peças que fazem/faziam parte de suas tradições e cotidianos (jarros, potes, ferramentas, instrumentos de cozinha, de tear e etc) percebeu a necessidade de buscarem e reforçarem sua memória e identidade enquanto comunidade e classe social.

Apesar da aluna narrar que não sabia exatamente a função dos objetos expostos, um ponto importante na fala da aluna, resultante da atividade desenvolvida na comunidade, é o olhar/sentido de pertencimento e de identidade que a experiência proporcionou nela, especialmente quando destacamos a fala final: tudo isso me mostrou uma parte de **minha história** que não conhecia” (grifo nosso).

Buscando compreender a eficácia do museu no campo pedagógico questionamos a diretora se de fato o museu funcionou, na sua visão, como uma ferramenta eficaz de ensino,

bem como, se a organização do museu da memória camponesa contribuiu para despertar um sentimento de pertencimento a comunidade. Segundo a entrevistada:

Funcionou sim, porque quando as crianças têm oportunidades de tocar objetos e perguntar sua origem, nasce uma série de curiosidades sobre o mesmo. O sentimento de pertencimento foi despertado porque o passado, mesmo sendo um tempo de dificuldades, vale lembrar que junto a ele ficou muitos momentos bons no qual as pessoas cultivaram juntamente com suas famílias. Assim, quando elas percebem que construíram o passado, tendem a sentir-se parte dele e também se sentem lisonjeadas por ter feito ou fazer parte dessa história. (ALVES, 2019)

O relato da diretora leva a confirmar que de fato o museu histórico realizado na comunidade funcionou como um importante instrumento de reflexão social e contribuiu para realçar o sentimento de pertencimento, confirmando o que defende Larissa Abreu e Saulo Santos (2015) quando eles afirmam que a educação como importante fator socializador, faz uso da memória histórica cultural “pulsante” nestes ambientes (museus) como elemento de formação identitária. Isso é, o museu traz concretude, materialidade!

Respondendo às mesmas perguntas, a aluna L. Alves (2019) relata que:

Sim, porque a gente aprendeu muito com o museu, tinha coisa que não sabíamos, às vezes víamos as pessoas mais velhas falarem, mas não a fundo como o museu mostrou. Contribuiu para despertar o sentimento de pertencimento porque quando as pessoas antigas viram os objetos lembraram seu passado, sua história e isso nos fez ver o que tinha acontecido antes de chegarmos ao mundo.

Já a senhora Oliveira, (2019) reportando os questionamentos, destaca que:

Sim, porque tudo que foi mostrado já é um grande ensinamento para crianças, tanto na escrita, como na leitura e fez conhecer personagens passados que muitos deles nem conhecem e o contato com aqueles objetos trouxe esses aprendizados. Hoje se a gente falar em pilão, moinho e que a gente tinha que moer o milho para fazer o cuscuz os meninos riem, então o bom é ver objetos e conhecer a história de cada um para saber como viveram os antepassados. Essa organização do museu foi muito importante na nossa comunidade para despertar o sentimento de pertencimento porque as crianças puderam sentir como era a vida dos nossos antepassados e então entender sua história.

A ênfase dada pela aluna e pela senhora sobre a importância dos objetos para reconstrução de uma história, percebida quando elas realçam que esses foram fundamentais para que o alunato de fato aprendesse, nos remete a teoria de Pierre Nora (1993), quando esse autor buscava analisar a história a partir de objetos concretos de materialidade, visando mostrar a simbologia de cada objeto em cada contexto.

Comprovamos assim que os objetos expostos no Museu da Memória Camponesa se configuraram não apenas como um recurso eficaz de ensino-aprendizagem significativa como também um expediente que realçou a identidade e a memória daquela comunidade.

Observando as falas das entrevistadas, também percebemos que de fato a criança aprende de forma mais eficaz quando utiliza os vários sentidos em prol desse conhecimento; e o museu ao unir significado e significante, ou seja, o nome e o objeto, oportuniza um aprendizado mais amplo e eficaz. O museu da memória organizado na comunidade Alto Alegre apostou justamente nos artefatos e na presença dos mais velhos que ajudavam a contar a história através dos objetos antigos. Com relação ao sentimento de pertencimento observou-se que os objetos apresentados de fato contribuíram para resgatar uma parte da história da comunidade e levar os membros desta a valorizarem mais o passado.

Analisando as considerações dos entrevistados a respeito da experiência vivenciada na comunidade Alto Alegre do museu da memória como prática pedagógica, pode-se concluir que de fato ele colaborou para resgatar as memórias dessa comunidade e aguçar a curiosidade de seus membros mais novos a irem em busca de mais fontes de sua história.

Percebeu-se também que o museu funcionou como uma ferramenta eficaz de ensino, pesquisa e extensão porque possibilitou aos alunos a leitura de suas memórias através dos objetos, despertando nesses um sentimento de pertencimento a sua comunidade. Tudo isso colabora que amplie seus repertórios culturais, conhecendo sua própria cultura e percebendo a necessidade de conhecer a cultura do outro.

### *Considerações finais*

Com a efetivação deste trabalho pode-se perceber que o museu da memória no espaço escolar é uma das formas mais assertivas de resgatar a história de uma determinada comunidade. E seu valor é ainda mais eficaz quando aplicado em comunidades camponesas, as quais dispõem de poucos meios didáticos para levar seus alunos a conhecerem a própria história.

Durante o desenvolvimento desses trabalhos, a realização da mostra no museu e dessa pesquisa, percebeu-se o quanto se faz necessário uma comunidade resgatar sua história, apresentando-a aos novos membros, e levando aqueles que já a conhecem a valorizar seu passado.

Nesse sentido o museu da memória trouxe um aprendizado significativo, pois quando o sujeito conhece sua história, tende a se valorizar e valorizar o outro. Sabendo que a visita a um museu fora da comunidade ainda é distante da realidade do homem do campo, devido diversificados fatores, compreende-se a importância de se valorizar essa organização no espaço escolar.

Com toda essa experiência podemos refletir que a missão do educador, de fato é árdua, mas formar seres autônomos é sua missão, por isso o processo de construção do saber deve ser constante. Sabemos que uma fórmula mágica não existe, mas é preciso inovar, instigar, buscar o saber para progredir.

Esperamos que os aparatos deste estudo sirvam para que todos os educadores, em especial para aqueles que atuam nas escolas do campo, se inspirem a realizar trabalhos voltados para vivência da comunidade a qual atuam, pois quando o aluno se reconhece naquilo que estuda na escola, tende a ficar mais estimulado. Assim, a organização de um museu no espaço escolar se apresenta como uma estratégia eficaz de ensino que é significativa e apresenta resultados no processo de ensino aprendizagem e de identidade enquanto classe social.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Larissa Rachel Ribeiro; Santos, Saulo Ribeiro dos (2015). Nos braços de Mnemosine: o espaço do museu como lugar de memória e educação. *Anais do XII Congresso Nacional de Educação*. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18551\\_8073.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18551_8073.pdf).
- ALVES, E. Entrevista concedida a Josué Balbino Martins. Santa Luz, 07 out. 2019.
- ALVES, L. Entrevista concedida a Josué Balbino Martins. Santa Luz, 08 out. 2019.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica. Arte e política*. São Paulo: Brasiliense. v. 1, 4 ed., 1989.
- BOAS, F. *A formação da antropologia americana 1883-1911*. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora UFRJ, 2004.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996*.
- BRASIL – Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais história e geografia*. Brasília. DF: MEC/SEF, 1997.
- CHAGAS, M. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade. *Cadernos de sociomuseologia*. Centro de estudos de sociomologia, Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias, n. 13, 1998.

- DEWEY, J. *Experience and Education*. New York: Collier Books, Macmillan Publishing Company, 1938.
- FIGUEREDO, Betânia Vidal, Diana Gonçalves. *Museus: dos gabinetes de curiosidades ao museu moderno*. Belo Horizonte: Argumentum, 2005.
- FROEBEL, F. *The education of Man*. New York: Appleton. Published, 1887.
- FRISCH, Michael. *From a Shared Authority to the Digital Kitchen, and Back*. Philadelphia, PA: The Pew Center for Arts and Heritage, 2011.
- GARDNER, James B; Lapaglia, Peter S. *Public History: Essays from the Field*. Public History Series. Krieger Publishing Company. Malabar, Florida, 1999.
- GONÇALVES, Marco Antônio. A reeducação do antropólogo: a pedagogia da antropologia. In: TOSTA, S. P.; ROCHA, G. (orgs.). *Diálogos sem fronteira: história, etnografia e educação em culturas ibero-americanas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 149-164.
- HORTA, Maria de Lurdes Parreiras. Semiótica e Museu. *Cadernos de Ensaio: estudos de museologia*. 2. Rio de Janeiro. IPHAN, 1995.
- GRELE, Ronald J. *Whose Public? Whose History? What Is the Goal of a Public Historian? The Public Historian*, v. 3, n.1, Inverno, 1981.
- JACKIS, I. Franz Boas and exhibits – on the limitations of the museum method of anthropology. In: STOCKING Jr., G. (Ed.). *Objects and others: essays on museums and material culture*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1985, p. 75-111. (*History of Anthropology*, v. 3).
- LILLARD, P. P. *Montessori, a modern Approach*. New York: Schocken Books, 1994.
- MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. *Revista Brasileira de História*, v. 37, n. 74, jan-apr., 2017.
- NETO, Alexandre Shigunov; Maciel, Lizete Shizue Bomura, Fábio Lustosa) A importância da pesquisa como princípio educativo para a formação científica de educandos do ensino superior. *Educação em foco*, n. 7, 2015.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, v. 10, 1993.
- OLIVEIRA, F. Entrevista concedida a Josué Balbino Martins. Santa Luz, 10 out. 2019.
- OLIVEIRA, Genoveva. O museu como instrumento de reflexão social. *MIDAS*, n. 2, 2013. Disponível em: <http://journals.openedition.org/midas/222>.
- OLIVEIRA, Emanuelle. *O que é pesquisa ação*. Disponível em: [www.infoescola.com/pedagogia/pesquisa-acao/](http://www.infoescola.com/pedagogia/pesquisa-acao/).
- PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. Museu da Escola: espaço de memória espaço de conhecimento. *Caderno do Professor*, Belo Horizonte, v. 16, 2005, p. 12-26.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, 1989.
- ROCHA, Gilmar; TOSTA, Sandra Pereira. O campo o museu e a escola: antropologia e pedagogia em Franz Boas. *Horizonte Antropológico* [Online], n. 49, 2017. Disponível em: <http://horizonte.revues.org/1722>.

STUDART, Denise Coelho. *Exposições Participativas e Educativas em Museus*. Fortaleza: Secretaria da Cultura do Estado do Ceara/Museu do Ceara, 2006.

SCHWARCZ, Lilia k. Moritz. A Era dos Museus de Etnografia no Brasil: Museu Paulista, o Museu Nacional e o Museu Paraense em finais do século XIX. In: GONÇALVES, B; VIDAL, D. G. *Museu: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna*. Belo horizonte: Argvmentvm; Brasília: CNPq, 2005.